

**UMA AUTOCRÍTICA DA PSICOLOGIA SOCIAL:  
AVANÇOS, LIMITES E RELEVÂNCIA SOCIAL:  
UM DOCUMENTO AUTOBIOGRÁFICO\***

*Antonio Ribeiro de Almeida*

O tema desta Mesa-Redonda não deixa de ser particularmente difícil. Ele nos convida a fazer uma autocrítica da Psicologia Social, ou, melhor, uma autocrítica do nosso desempenho na Psicologia Social até hoje. Coloca-nos, portanto, numa situação que pede ao mesmo tempo humildade, e, também a coragem de nos colocar. Não deixa de ser curioso como o conceito "autocrítica", de origem estalinista, inseriu-se na linguagem comum estando, inclusive, registrado pelo nosso Aurélio como significando a "crítica feita por alguém a si mesmo ou às suas próprias obras". Isto também supõe que chegamos, no Brasil, à maioria da Psicologia Social e que temos uma história. Nesta mesa estão assentados muitos dos que constróem esta história. Se aceito a autocrítica não posso, contudo, conduzi-la de uma forma dialética. Falta-me o domínio deste método. Mas ela será histórica. Ilustrará a atuação de um psicólogo social no interior do Estado de São Paulo, sozinho, há 15 anos e suas modificações de postura teórica. Ao mesmo tempo darei minha percepção da Psicologia Social no Brasil onde destacarei o que julgo ser, de nossa parte, primeiro, uma insensibilidade ao "Zeitgeist" brasileiro na década de 70; segundo, o problema do investimento de uma fundação na Psicologia, ilustrando com o caso do Campus da USP de Ribeirão Preto, e finalmente, como estamos, atualmente, e, em termos de Psicologia Social o que nos pede, como psicólogos sociais, o "Zeitgeist" brasileiro no meio desta década de 80.

Não sou psicólogo de formação acadêmica. Vim da Filosofia e fiz um Curso de Especialização em Psicologia. Faço, portanto, parte de uma

---

(\*) Palestra pronunciada em Brasília, D. F. em 27/09/1984 durante a Comemoração do 20º Aniversário do Departamento de Psicologia da UnB, numa promoção conjunta com a Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.

geração que se extingue. Já fazia Psicologia, com interesses sociais, em Belo Horizonte. Diria, portanto, que tenho as duas formações, do que, aliás, não me arrependo. Um colega "behaviorista" disse-me uma vez que a Filosofia era a minha pré-história. Mais um caso de ignorância entre os muitos que colecionei ao longo da minha carreira.

Minha formação em Psicologia Social, se posso assim chamá-la, devo-a, inicialmente, a Pierre Weil, com nítidos interesses em grupo, e, depois Célio Garcia que chegava da França no final da década de 50. O foco era então a dinâmica dos grupos. O que estudávamos então e onde? Estudávamos Otto Klineberg, tanto o seu *Psicologia Social* como o texto *A Psicologia Moderna* que havia organizado com autores brasileiros da Universidade de São Paulo. Não faltavam também muitos textos franceses de nítida orientação psicanalítica. Interessando-me por grupo ganhei, em 1964, da Organização dos Estados Americanos — OEA — uma bolsa de estudos na Argentina. Ali me dediquei, sob orientação de Pichón Rivière e Janine Puget aos grupos operativos. Pichón tinha uma visão ampla e original do grupo e tentava integrar Lewin, Freud e o método dialético. Foi em Buenos Aires que ví, pela primeira vez, a Psicologia Social aplicada, funcionando nos Clubes de Avós e junto aos operários aposentados da "Boca", com nítida preocupação social e de intervenção. A dinâmica dos grupos era então uma promessa.

Em 1965 retornei ao Brasil. Durante quatro anos estive à frente de uma seção de seleção e orientação profissional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial — SENAC — Foi meu batismo de orientação e uso de testes com algumas tentativas de fazer grupo. Estive a serviço de uma classe patronal que então, como hoje, continua insensível aos problemas sociais.

Em 1969, Arrigo Leonardo Angelini me trouxe para São Paulo. Fui para o Alto Sorocabana, Assis, onde comecei, academicamente, minha missão de psicólogo social. Trazia comigo o curso de Weil de quem fôra me despedir em Belo Horizonte numa época em que ele trabalhava ainda no extinto Banco da Lavoura. Não cheguei a usar aquele programa de curso. Em Assis iniciei minha orientação comportamentalista na Psicologia Social. Veio pelas mãos de Carolina Bori que ministrava no Instituto de Psicologia, São Paulo, um Curso Programado onde os textos eram os de Fred Keller, Zajonc, Staats, Ferster e Perrot, Skinner e outros. Acredito que adquiri um domínio razoável da Análise Experimental do Comportamento.

Vindo, em 1970, a Ribeirão Preto, onde deveria levar para um colega de Assis uma colmeia preparada por Estevam Kerr, fui praticamente, convidado por André Jacquemin para lecionar Psicologia Social. Meu antecessor, Louis-Gillet, havia deixado a Faculdade de Filosofia e o Curso de Psicologia estava sem professor de Psicologia Social há mais de um ano. Vejam só que tempos eram aqueles. Fui o único candidato à vaga. Entrei na Faculdade com uma carga horária muito grande, pois muitas turmas deveriam fazer o curso de Social. O curso foi então de orientação "behaviorista" com enfoque no *Verbal Behavior* de B. F. Skinner. Dentro de uma orientação behaviorista fiz o meu Doutorado em Ciências pelo regime antigo. Minha tese, Efeitos da Privação do Fumar sobre o Comportamento Verbal (Emissão de Mandos), não teve, em 1973, a relevância social que esperava. Fui, seguramente, o primeiro psicólogo brasileiro a enfrentar aquele texto de Skinner e estudar um operante com intenso controle farmacológico.

Parti, em 1976, para os Estados Unidos onde pretendia reforçar minha formação junto a Arthur W. Staats que conhecia pelo seu "Complex Human Behavior" e "Learning, Language and Cognition". Sua abordagem intensa do comportamento verbal e menos rígida que a skinneriana chamava minha atenção. Mas encontrei um Staats que não reunia o rigor metodológico dos skinnerianos com sua elevada aspiração de reduzir toda a Psicologia às três funções e o estímulo. Minha volta dos Estados Unidos significou meu afastamento da AEC e o início de uma preocupação de "cultivar meu jardim" brasileiro por mais pobre e sub-desenvolvido que fosse. Registre-se uma passagem pelo Laboratório de Comportamento Operante e um experimento sobre o efeito reforçador do arrulho do pombo, como, talvez, a minha mais significativa contribuição para a AEC.

Naqueles anos de orientação behaviorista o que fiz que fosse socialmente relevante? Não estou certo. Reapliquei experimentos de Staats sobre o condicionamento de significado, o de Greenspoon sobre reforçamento verbal, tendo ainda adquirido coleções completas de revistas de Psicologia Social para a Biblioteca do Campus. Estive, na década de 70, fechado no meu Departamento e fazendo Psicologia Social Básica tentando encontrar pontos comuns de uma metodologia de AECS com a Psicologia Social Experimental. Enquanto isto, o que acontecia na sociedade brasileira? O que poderia ela pedir a um psicólogo social? Este questionamento nunca fiz naqueles anos. Mas eram os anos onde a repressão era intensa e o problema dos Direitos Humanos colocados em pauta diariamente. O jornal "O Estado de São Pau-

lo" publicava no espaço das matérias censuradas os cantos dos "Lusíadas" de Camões.

Acredito que por volta de 1977 comecei a trocar cartas com Aroldo Rodrigues e modifiquei meu programa de Curso que, para ser verdadeiro, já não entusiasmava meus alunos. Estavam eles cansados do behaviorismo, pelo menos na Social. Desde 1977, graças a influência de Rodrigues mudei minha linha de pesquisa para Percepção Social onde tenho trabalhado sobre Estereótipos Sociais, Formação das Primeiras Impressões de Pessoa. Este trabalho parece ter maior relevância social e gerou maior interesse na comunidade psicológica. Vejo, no geral, na década de 70, da minha parte uma grande insensibilidade ao "Zeitgeist" brasileiro que pedia, certamente, uma psicologia social relevante aos problemas daquela década. A necessidade de atender a esta relevância foi atendida, em parte, por Sílvia Lane da PUC de São Paulo que formou um grupo orientado para uma Psicologia Social Política que usa uma metodologia dialética marxista que tem captado o interesse e o exagerado entusiasmo de muitos. Mas o esforço de Lane precisa ser melhor traduzido numa produção científica que ainda não chegou. Iray Carone, filósofa que trabalha com o método dialético, considera ainda problemático o uso da Dialética na Psicologia Social.

Curioso é registrar que a Psicologia Dialética tem se desenvolvido nos Estados Unidos na área do Desenvolvimento, e, não, na Social.

Na década de 70 não deixei de me esforçar para trabalhar com outros psicólogos sociais. Alguns dos meus convites foram gentilmente respondidos mas não produziram resultados práticos, e, outros, nem sequer respondidos. Eis aí uma outra curiosa característica dos psicólogos sociais brasileiros, o individualismo, e, a terrível dificuldade de trabalharem em equipe, havendo, quando muito, grupos que se encontram em congressos, trocam idéias, mas que não vão além disto.

O segundo momento desta autocrítica é relacionado às verbas que são destinadas à Psicologia. Recentemente, fiz uma análise do RELATÓRIO DE ATIVIDADES DA FAPESP, ano 1983, relativa ao investimento feito no Campus de Ribeirão Preto onde a Psicologia é considerada forte. A FAPESP investiu um total de Cr\$ 233.482,370,60 no Campus da USP, mas as áreas de Ciências Biológicas e da Saúde captaram 54,11%. A Psicologia, tanto no meu Departamento como na Medicina, recebeu, daquele total apenas 3,68%. E naquele ano a FAPESP negou ajuda a muitos pedidos de bolsas de Iniciação Científica.

fica e de Ajuda à Pesquisa. Levei ao conhecimento do Diretor Científico daquela fundação minha análise na esperança de que maiores verbas sejam destinadas à Psicologia. Atualmente, no quadro de divisão das ciências, segundo a FAPESP, a Psicologia pertence a área de Ciências Sociais e Humanas. Posso, portanto, deduzir que o investimento que se faz na Psicologia é baixo. Mas isto também acontece nos Estados Unidos, como revela o Senador Orrin G. Hatch (*American Psychologist*, 38(2), 1983). Ali a Psicologia recebeu, em 1982, apenas 1,69% dos fundos federais destinados à pesquisa.

O terceiro e último momento desta autocrítica tenta responder ao que espera de nós a sociedade brasileira. Vejo na Psicologia Social Brasileira duas linhas de orientação teórica que espero interajam com mais frequência, tanto no nível epistemológico como no nível da prática. Uma linha mais sólida e orientada para a Psicologia Social Experimental e Aplicada liderada por Aroldo Rodrigues, e a outra, de orientação política, liderada por Silva Lane da PUC. Representando estas linhas temos dois textos que estão formando os futuros psicólogos sociais brasileiros, e que são o *Psicologia Social* de Rodrigues e *Psicologia Social — O Homem em Movimento* de Lane e colaboradores. O que pede, finalmente, o "Zeitgeist" brasileiro? Vejo, sobretudo entre os jovens, uma busca de identidade da cultura brasileira que, se de um lado considera a Psicologia Social feita noutros centros — Estados Unidos, França — não quer ficar dependente dos modelos ali gerados. Cabe ao psicólogo social se perguntar o que nos pede a sociedade. Em função da nossa crise que é ampla e caracterizada por uma anomia que se estendeu a todos os segmentos da sociedade, se não devemos nos voltar para o problema dos valores e para a crucial questão da identidade nacional. Num momento de crise como este a pergunta radical parece-me ser, quem sou eu, brasileiro? Neste sentido vejo como promissor e motivador o programa nacional de pesquisa que estamos tentando levar adiante sobre QUEM É O BRASILEIRO. De uma forma diferente, outro momento histórico, poderemos retomar o trabalho iniciado por Dante Moraira Leite sobre o caráter nacional brasileiro. Esta questão ainda está, do meu ponto de vista, de pé. Ela somente não sensibiliza a psicólogos com uma abordagem por demais cientificista ou politicomaníaca da sua disciplina.

Esta sensibilidade ao momento histórico, é bom que se diga, nunca foi alheia aos psicólogos sociais americanos. Por que a personalidade pró-fascista interessou tanto à Escola de Frankfurt onde Adorno,

Brunswick, Levinson e Sanford produziram um trabalho notável? E os programas de integração racial, os estudos sobre obediência de Stanley Milgram ou de Zimbardo sobre o comportamento em prisões. Hoje, sem que se declarem tais, dezenas de colegas nossos fazem psicologia social junto aos grupos marginalizados da nossa sociedade. Neste momento milhares de grupos populares estão se reunindo neste país tomando consciência dos seus problemas num desejo de transformação social. Em 1982, relatando sua experiência com grupos populares da Cidade Industrial de Belo Horizonte, William César Castilho, professor de Psicologia Social da PUC-Belo Horizonte, escreveu um texto muito interessante e rico, *Dinâmica dos Grupos Populares* e que tem sido largamente usado.

O que temos feito a respeito?

Quando em 1983 lecionei na Universidade Federal de Uberlândia um curso de Psicologia Social Aplicada, voltada para a área da Saúde, tive alunos motivados e que até esta data trabalham num projeto que elaborei para o estudo de hipertensos da periferia. Do meu ponto de vista o engajamento na aplicação da Psicologia Social, seja em projetos de reformas, como Campbel, é uma obrigação histórica da qual não podemos nos eximir. Nossa colaboração também pode ser feita no sentido de auxiliar na formação de uma consciência crítica que justamente indique a originalidade do nosso caminho e o afastamento de soluções pré-fabricadas alhures. Um exemplo de psicólogo social engajado é H. Keĭman, que, com ajuda da Ford Foundation manteve conversações com Arafat e há mais de dez anos se dedica ao conflito árabe-israelense.

Esta é a minha modesta história que se confunde com a história da Psicologia Social nestas duas décadas. Vejo, finalmente, que minha história não poderia ter sido outra. Trazendo o filósofo que há em mim, termino, aplicando-me uma passagem do Tao-Te-King: "*Por que nunca alcancei a plenitude, ao declinar me renovo*". (XV, pág. 44).